

“A morte eu desejei”: ancestralidade e protagonismo da mulher negra

“I wished for death”: ancestry and protagonism of black women

Pricila Santos de Almeida
Neusani Oliveira Ives-Félix
Universidade Federal do Maranhão
Grajaú-Brasil

Resumo

Este artigo descreve o protagonismo de uma mulher negra a partir do poema intitulado *Iana, luta e resistência* (2020), de Pricila Santos de Almeida. O objetivo foi descrever a partir desse poema, acontecimentos relacionados à trajetória de vida de Anaia Putéria, fundadora da comunidade Remanescente Quilombola Peafú, situada no município de Monte Alegre-PA. O estudo aqui proposto é parte de uma entrevista livre. Nela, utilizamos para a coleta de dados, um diálogo com um interlocutor descendente de Anaia Putéria e atual representante da comunidade Quilombola Peafú. A pesquisa é de cunho qualitativo. O poema *Iana, luta e resistência* (2020) solidifica a ancestralidade e o protagonismo da mulher negra, suscita questões como escravização, invisibilidade, resistência e resiliência da mulher negra.

Palavras-chave: Remanescentes de Quilombo; Poética; Mulher Negra.

Abstract

This article highlights the protagonism of a black woman through the poem titled “Iana, luta e resistência” (Iana, struggle, and resistance) (2020), by Pricila Santos de Almeida. The objective was to describe, based on this poem, events related to the life journey of Anaia Putéria, founder of the Peafú Quilombo Remnant community, located in the municipality of Monte Alegre-PA. The study proposed here is part of a free interview. For data collection, a dialogue was conducted with a descendant of Anaia Putéria, the current representative of the Peafú Quilombo community. The research is qualitative. The poem “Iana, luta e resistência” (2020) solidifies the ancestry and protagonism of Black woman, raising questions about enslavement, invisibility, resistance, and resilience of Black woman.

Keywords: Quilombo Remnants; Poetics; Black Woman.

Introdução

Uma das principais características do poema é a sua diversidade de interpretação. Conforme Eliot (1972, p. 49) um poema “pode parecer significar várias coisas diferentes para diferentes leitores, e todos esses significados podem ser diferentes daqueles que o autor pensou expressar”. Na concepção de Vieira e Darwich (2022) a poesia, ao retratar cenários e contextos de maneiras novas e surpreendentes, valida o que é chamado de originalidade literária. Isso pode provocar admiração e estimular reflexões mais profundas sobre palavras, linguagem, objetos, seres, tempo, espaço, vida, amor e morte.

Para Leal (2015, p. 4), a poesia vai além de um conjunto de palavras, “trata-se da tradução do universo desconhecido das emoções, a arte de brincar com as palavras, uma esfera pouco compreendida, que tenta muitas vezes transmitir significados nas entrelinhas dos versos, esta por sua vez sensibiliza e precisa ser cultivada”. Com efeito, ela é usada para expressar aquilo que simples palavras não transmitem, como por exemplo, na estrofe “Enquanto o couro do chicote cortava a carne/ A dor metabolizada fortificava o caráter/ [...] Não existe lei Maria da Penha que nos proteja/ Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza/ De ler nos banheiros das faculdades hitleristas/ Fora macacos cotistas” (Yzalú, 2012).

O artigo tem por objetivo descrever a partir do poema intitulado *Iana, Luta e Resistência*, valendo-se da linguagem poética, acontecimentos relacionados à trajetória de vida de Anaia Putéria, fundadora da comunidade Remanescente Quilombola Peafú, situada no município de Monte Alegre-PA, contextualizando o período histórico em que a fundadora viveu. Conforme o art. 2º do Decreto nº 4.887/2003 são remanescentes de quilombos, “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Brasil, 2003).

Cabe destacar que quase a totalidade das mulheres brasileiras, ao final do século XIX, eram analfabetas, sendo difícil nos dias atuais o acesso a textos escritos característicos daquela época, (Gomes, 2003), a exclusão das mulheres no sistema educacional foi, e, ainda é acentuada (Gomes, 2003).

Silva (2022) destaca que:

As mulheres, durante a história da literatura no Brasil, foram vítimas de uma sociedade machista e patriarcal, e possuíam sua educação voltada apenas para a condução do lar, não podendo ocupar espaço em escolas e universidades [...] As escritoras negras fazem parte do processo de construção da nossa literatura, no

entanto, foram silenciadas devido a sua identidade étnico-racial, promovendo o que conhecemos como racismo estrutural, ou seja, as classes dominadas sofrem opressão das classes dominantes (Silva, 2022, p. 8).

Silva e Bassani (2023, p. 11) afirmam que a literatura negra feminina surge em 1859 com a publicação do romance *Úrsula de Maria Firmina dos Reis*, mas será a partir de 1960 com a publicação da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de autoria de Carolina Maria de Jesus que ganhará notoriedade, consolidação que se efetivará na década de 1970, “com a publicação dos *Cadernos Negros*, que reúne a publicação de diversas autoras (es) de textos negro-brasileiros, como Conceição Evaristo”.

Apesar do reconhecimento internacional de escritoras negras, como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, dentre outras, ainda é perceptível as consequências do período escravagista, mesmo após 135 anos da abolição da escravatura legal no Brasil. Como descrito no cordel de Rogério (2024):

Quero mandar um recado/ À mãe pátria brasileira/ Para não ficar calado/ Já calei 500 anos/ Agora estou arretado.../ Se eu passar do limite/ Cometer algum engano/ São coisas de quem calou/ Durante 500 anos. /Resolvi falar, então/ O que está me engasgando./ E agora perdi o medo/ De falar toda a verdade/ Pois ‘só quem sabe é quem sente’/ Quem não sente, não sabe nada/ Estamos sendo excluídos/ Vivendo pela metade (Rogério, 2024, p. 1).

Quantas vozes negras femininas foram silenciadas durante 524 anos? Quantas histórias negras femininas foram apagadas porque suas autoras não receberam instrução suficiente para escrevê-las, registrá-las em um pedaço de papel? Mas, ressaltamos que uma das formas que elas encontraram para fazer-se lembrar foi contando suas histórias aos seus descendentes.

Sarmiento-Pantoja (2016) considera que:

a resistência não deve ser confundida com o heroísmo daqueles que pegam em armas e vão belicamente contra a corrente, pois há sujeitos em que a resistência está na capacidade de suportar silenciosamente a força alheia, ou seja, a corrente não está no outro, no alheio, está no próprio indivíduo, que busca superar seus traumas, suas dificuldades para resistir primeiro em seu interior, para quem sabe ir contra a corrente (Sarmiento-Pantoja, 2016, p. 2).

De acordo com Sarmiento-Pantoja (2016), a arte e a resistência são inseparáveis, especialmente ao se analisar a história cultural da humanidade. Ele observa que a arte é

sempre uma expressão de resistência, mesmo que o artista não pretenda criar uma obra de resistência ou não reconheça sua obra como parte desse contexto.

Margeando: o percurso metodológico

A abordagem metodológica adotada foi a qualitativa, que segundo André (2012, p. 17), o “foco da investigação deve se centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações. [...] para compreender esses significados, é necessário colocá-los dentro de um contexto”.

Nessa perspectiva Lüdke e André (1986, p. 12) afirmam que o “material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos [...]. O ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador”, em uma tentativa de não deixar escapar a perspectiva do olhar dos interlocutores.

A discussão aqui proposta é trazida a partir de duas elaborações: a) entrevista livre, diálogo direto com um descendente da fundadora da comunidade Remanescente Quilombola Peafú e atual representante do lugar, senhor Jackson Jorge Valente; b) análise do poema intitulado *Iana, Luta e Resistência*, valendo-se da linguagem poética para descrever acontecimentos relacionados à trajetória de vida de Anaia Putéria.

A entrevista livre com Jackson Jorge Valente, Remanescente Quilombola de Peafú, foi motivada por uma atividade escolar a respeito do Dia da Consciência Negra realizada pela primeira autora, na ocasião estudante de ensino médio. Prática curricular regulamentada pela Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), que institui o 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra, e, prevê a obrigatoriedade da inclusão de conteúdos relacionados à História e Cultura Afro-Brasileira no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. O objetivo da atividade em questão foi conhecer a história da comunidade Remanescente Quilombola Peafú e de pessoas que contribuíam para a construção daquele lugar. A entrevista livre com o descendente de Anaia Putéria (com gravação de áudio, após autorização do entrevistado) ocorreu no ano de 2017 na cidade de Monte Alegre-PA. A escolha do interlocutor se deve ao fato deste ser muito conhecido naquela região montealegrense e de ser descendente de Anaia Putéria.

A partir dos dados obtidos nessa entrevista foi possível identificar traços e fragmentos históricos que interligavam a trajetória de vida de Anaia Putéria com a luta pela formação da comunidade Remanescente Quilombola Peafú. Partindo do material coletado foi rascunhado,

elaborado, e, reelaborado pela primeira autora deste trabalho, o poema intitulado *lana, luta e resistência*, que contou com colaboradores na realização de revisões gramaticais e análise de terminologias evocadas. E, nele é problematizado lutas sociais, raciais, silenciamentos, violência e a representatividade feminina negra, e/ou a ausência dela na história. Portanto, o poema, *lana, luta e resistência* e sua análise se apresentam como resultado de uma educação antirracista.

A primeira autora deste artigo é uma pinta-cuia, codinome dos montealegrenses, uma mulher negra, parda, oriunda da zona rural do município de Monte Alegre-PA, portanto, sem acesso à energia elétrica e consequentemente, à televisão, à internet etc., na época da coleta de dados, em 2017. E, até realizar aquela atividade escolar essa pinta-cuia não tinha consciência política da luta e resistência que as comunidades quilombolas representam, assim como uma parte da população brasileira. Porém, esta ouvira falar, por algumas vezes, que havia naquela cidade, a Comunidade Quilombola Peafú e que para a sua formação uma mulher havia travado grandes batalhas, Anaia Putéria.

Ao deparar-se com a dificuldade de acesso e/ou a ausência de registros da historiografia da fundadora da Comunidade Quilombola Peafú, a autora pinta-cuia e colaboradores apresentam recortes da história de vida de Anaia Putéria, a partir do poema *lana, luta e resistência*, contextualizando o período histórico escravagista e a realidade brutal vivenciada pelas mulheres escravizadas daquela época. Os fatos descritos no poema a seguir são recortes reais da vida de uma mulher negra em batalha pela sobrevivência.

Poema: lana, luta e resistência

Tinha uma vida comum

Pais, familiares, amigos

Eu era feliz,

Na minha África

No meu país.

Foi então que perversos

Desalmados,

Terríveis portugueses

No meu Bárac, Nigéria chegou.

Para nos defender

Meu pai os enfrentou

E aos meus olhos

Um tiro no peito levou

O meu querido e carinhoso paizinho

Diante do meu olhar expirou.

Agarraram-me e me amarraram

E eu...

Só uma menina tão indefesa!!!

Tentando recolher

“A morte eu desejei”: ancestralidade e protagonismo da mulher negra

Os pedaços do mundo que desabou.

Minha mãe desesperada

Como uma leoa lutou

Uma paulada na cabeça recebeu

E então cambaleou

E seus olhos cheios de água

Em mim fixou.

Fiquei chocada,

Em pânico,

Paralisada

Não gritei

Fiquei pálida

Não como um floco de neve

Mas como uma alma penada.

Não sei mais o que sinto

Não sei mais quem sou

Não sei em que mundo vivo

Nem se viva estou.

Em menos de 1 hora

Toda a minha vida se transformou

Em apenas 1 hora

Meu mundo evaporou.

Aquela minha feliz e pacata vidinha

Apenas se tornou

Em tragédia,

Solidão... e muita dor

Separaram-me eternamente da minha

família

Minha alma transpassou.

12, 14 anos apenas,

Uma menina perdida

Sem saber pra onde ia

Vulnerável,

Com medo...

Sozinha

Arrancada de sua família

Sozinha...

E sozinha

Maltrapilha

Com fome

Com sede,

Vendo coisas que nunca imaginei.

Tanta violência

Maldade, destemor

Falta de humanidade,

Tanta gente sem coração

Tratando-nos como se fosse nada

Pior do que vida de cão.

Aquele navio

Com tanta pretaiada

Sofrendo sem razão

Por perversos animais?

Não !!!

Seria uma maldade com estes!!!

Não há comparação

Atitudes anormais

Violência escravidão.

E porquê?

Por causa da minha cor?

O que faz eles pensarem

Que são melhores do que sou?
Acha que por sermos negros
Não sentimos dor?
Que não temos família
Ou por ela não sentimos amor?

Eu pergunto a vocês
O que é o amor?
Como podemos encontrá-lo?
Qual seu valor?
O amor que uma branca tem por seu filho
É maior que o amor de uma mãe negra?
Existe algum amor maior que outro amor?
Ele purifica a tortura?
Ou justifica a dor?

Como eles conseguem dormir,
Ao lado de suas esposas
Verem seus filhos sorrirem
Às custas de tantas dores?
Às custas de filhos sem pais
De mães sem seus filhos
Tanto sofrimento de inocentes
Para satisfazer seus luxos e vícios.

Mas eu...
Naquele estranho mundo
Não conseguia entender
Como alguém se diz tão superior
E não sabe agradecer?
O dom da vida,
A imensa diversidade,
O canto dos pássaros!!!
O som das águas,
As infinitudes da natureza

Somente as dispersa, destrói
Gerando extrema pobreza.

Há!!!! mas o capitão...
Esse era o pior deles
Oferecia aos marinheiros
As mulheres da nossa gente
Para saciar o desejo de todos
E ainda ficar contente.

Sendo humilhadas,
Indo contra nossos princípios,
Espancadas...
Amarradas aos troncos
Ensanguentadas...
Não somos mais donas de nossos corpos
Não há mais formas de sermos
envergonhadas
Não passamos de trapos.

Geneticamente somos semelhantes
Isso é fato,
Porém eles dizem que não somos humanos
Mas...
Biologicamente, eles são?
Porque em atitudes e caráter
Tenho certeza que não

Ainda assim
O tempo passava
E o sofrimento...
Só aumentava
O desejo pela morte
Parecia ser uma justa causa
Para os que morriam

“A morte eu desejei”: ancestralidade e protagonismo da mulher negra

O mar já esperava

Ou, nem precisava morrer

Se alguém se rebelasse

Ou se esquivasse do trabalho

Se a comida se tornasse pouca

Ou até mesmo pra mostrar autoridade

Se ficasse doente

E também para diminuir a carga

Dezenas eram presas por correntes

E bem ao fundo do oceano eram lançados.

Pus-me a pensar

Para quê viver?

Se isso nunca vai acabar?

Para quê lutar?

Se é claro que eu vou perder.

Mas africano é inteligente

Corajoso, forte, valente

E também audacioso

Eu já disse inteligente?

Há!!! mas espera que eu já vou te contar

Forjei a minha morte

Para do navio escapar

Jogada no oceano

Não parecia a solução

Mas depois de tudo o que vi

A morte era a melhor opção.

Parece o fim?

Não!!!!

Africano tem sorte

Ou seria maldição?

Pescadores me encontraram

Pareciam ser minha salvação

Teria uma vida digna,

Longe de toda escravidão

Finalmente seria feliz

Mas conseguiria esquecer toda aflição?

Me deliciei em imaginar

Tudo o que poderia fazer

Até a maneira de caminhar

Com a liberdade que teria

Saberia aproveitar

Todos os segundos

A cada ato de respirar

Seria possível voltar ao meu Bárac?

Ou daria à vida uma nova razão?

Tinha muito a pensar e agradecer

Aqueles poderiam ser meus anjos?

Ou a minha perdição?

O fato é que gente boa não são

E meu mundo de esperanças

Não passou de ilusão.

Pois fui levada pro Maranhão

Vendida por mixaria

Por menos de um tustão.

Para trabalhar com algodão

Fui escravizada

Os filhos da sinhá, o bonitão?

Era feliz quando humilhava

A insuportável e opressora Ana
Quase me matava
Eu trabalhava na roça
E também nos afazeres de casa.

E se até mesmo na amargura
Existisse algo bom?
Sim!

Por um momento
Um breve momento
Novamente me enganei
E consegui sorrir
Pois a pequena Maua conheci.

Ela era meiga, linda, doce
Mas também escrava
Parecia até uma rosa
Nascida na areia da praia
Pois era filha de homem branco.
A sinhá a invejava
Por toda beleza que tinha
E seu jeito carismático
Foi a pessoa mais amável que conheci
Minha alegria
E também minha desgraça.

Maua pelo senhor foi abusada
A sinhá logo descobriu
E mandou matá-la,
Por saber que um filho
Do senhor, Maua esperava.

E para ficar de lição
Nem me permitiu enterrá-la
Deixou seu corpo aos animais

Para estes se alimentarem.

E mais uma vez
Alguém que eu amava partia
Sem a despedida adequada
A dor me consumia
Enquanto as aves lhe devorava.

Meu mundo empalideceu
A única pessoa no Brasil
Que sempre me alegrava
Não teve culpa do que aconteceu
Foi apenas mais uma vítima
De patrão arrogante,
Imundo, asqueroso e sádico.

E agora novamente sozinha
O que faço eu?
Neste lugar tão farto
Mas também vazio
Com patifes metidos a bravos.

Minha tristeza me consumia
Como sobreviver?
Quando o colorido que encontrei
Em meio ao preto e branco
Novamente fugiu
Será que algum dia serei feliz?
Para que viver assim
Se não tem sentido viver.

Essa dor foi me tornando inútil
Para o senhor?
Prejuízo
Para a sinhá?

“A morte eu desejei”: ancestralidade e protagonismo da mulher negra

Com certeza alívio
Pois novamente fui vendida como escrava.

Para trabalhar com tabaco
Nas proximidades de Belém/PA
Ilha do Marajó hoje chamada
Onde minha vida se tornou
Ainda mais amarga.

O fazendeiro era horroroso
Tremia até a sua voz
Os que faziam corpo mole,
Ele mesmo matava
Se reclamasse?
Ganhava de brinde, chicotadas

Ao olhar para aquelas escravas
Sem ânimo
Amarguradas,
A coluna era um arco
De tanto abaixar a cara
Todas pálidas e magras
Mostravam que a comida era escassa.

Foi então que percebi
Também com o rosto abaixado
Que com o canto dos olhos
O fazendeiro me olhava
E para meu tormento
Olhos de quem desejava.

Sua linda e majestosa esposa
Ciumenta, ordinária
Transformava qualquer uma
Em perfeito mártire,

Caso ao senhor
Desse apenas uma olhada.

Como se fosse pouco
Ela cismou com a minha cara
Colocou-me no tronco
Para ser castigada,
A razão? também não sei
Apenas era sádica.

Mas o tronco não era tudo
Pois a minha maior dor
Ainda se aproximava
O senhor me chamou no quarto
Enquanto eu limpava a casa.

Rasgou toda a minha roupa
E convidou seus quatro amigos
Para tudo observar
Dizendo: que curvas
Que rosto, que pernas
Ainda bem que é negra
Assim é minha e não preciso casar.
Existe coisa melhor amigos?
Que ser dono de escravas?
Só o que nos resta é aproveitar!!

As lágrimas caíram
Onde morava minha opinião?
O grito explodia dentro de mim
Mas não podia gritar
Sentia a pior dor do mundo
Mas não podia reclamar.

Quem ouviria?

E se ouvisse
Quem se arriscaria a me socorrer?
Era só mais uma escrava
Que satisfazia do senhor
Os desejos insanos da carne.

A morte eu desejei
Antes de se completar
A intenção daquele monstro
De o meu corpo desfrutar.

Seus amigos riam
E não paravam de debochar
Como minhas pernas e mãos tremiam
De medo daquilo se concretizar.

Ninguém me socorreu
E não teve outro jeito
E um a um
Usaram o meu corpo
Me bateram
Me espancaram
E falavam coisas
Que me arrepiava de medo.

Eu queria matá-los
Mas eram quatro
Eram mais fortes
Minha força não foi capaz
De defender-me daquela maldita sorte.

Dias se passaram
E estranha eu fiquei
Aquilo se repetia
Era sempre pior a próxima vez

Quando não era violentada
Estava no mastro sendo castigada.

Finalmente!
consegui fugir
Taquei-me mata adentro
Corri até cair.

Com sede, fome, cansada
Foi a melhor sensação
Não sabia como viver
Mas tive libertação
Cada vez mais distante
Daquela terrível escravidão.

Na mata
Sem fogo, sem sal
Comia cru
Peixe e animal
Curando-me do trauma
Da minha dor principal.

A cada dia que passava
Mais sozinha, independente
E selvagem eu me tornava
Lembrava da vida que tive
Naquela minha África.

Todas as noites chorava
Recordando tudo o que passei
enquanto o corpo descansava
E durante o dia
Caminhava, caçava e caminhava.

Desse modo

“A morte eu desejei”: ancestralidade e protagonismo da mulher negra

Tive tempo para refletir

Sobre os projetos de olodumaré

E sua forma de agir

E em Oxalá

Encontrei resiliência

E então voltei a sorrir.

A solidão humana da floresta

Fez-me observar

Aquela inexplicável beleza

Na forma de trabalhar

Com muita inteligência e simplicidade

Sem ambições para acumular

E até os minúsculos seres

Conseguem se respeitar

E compreendi que a vingança e o ódio

Somente destrói quem lhes cultivar.

Durante sete dias e sete noites

Caminhei sem saber

Onde ia chegar

Na esperança que algum dia

Encontraria um lugar para morar.

Cheguei a beira de um rio

Refleti como iria atravessar

Desci um pouco junto a margem

E um barco a vela estava lá.

Era uma pequena vila

Tive medo deles me escravizar

Mas não pareciam

A isso se interessar

Me receberam muito bem

Deram-me roupa comida e um bom chá.

Passei a noite ali

E lhes contei tudo o que aconteceu

Disseram que me ajudariam

No dia seguinte viajei

Em busca do meu lar.

Cheguei em terra farta

Rica em água floresta e açai

E pedi para desembarcar

Muito lhes agradei

E pedi de coração

Para olodumaré os abençoar

E na vila Monte Alegre

Pude me situar.

Muitos anos se passaram

E eu andei pela região

Encontrei um lugar que podia ser só meu

E também um garanhão

O Lauriano

Lá do juçarateua.

Namoramos

Afinal eu também precisava

Ter filhos

Ser feliz

Depois de tudo

Eu também merecia.

Não me casei

Mas populei uma comunidade

Peafú!!!

Meu Peafú.

Hoje assim chamado

Que trouxe para a escrava
A tão sonhada liberdade.

Olha!!! Eu já ia me esquecendo
Em um dia de trabalho
Livre, leve, sorrindo
Uma imagem eu encontrei
Santa Rita de Cássia
E um altar para ela eu levantei
E para festejarmos o dia 22 de maio
Uma singela capela suscitei
Tanto na construção
Como nos corações dos cristãos.

Sua festividade se iniciou
E a crença a fé
No Deus que me livrou
De todo aquele tormento.

E até os dias presentes
Santa Rita de Cássia
Intercedei a Deus
Que proteja a nossa gente.
E sim.

Eu encontrei o que procurava
Finalmente encontrei.
Um novo sentido
Para minha vida avistei
E nos meus filhinhos
A paz eu encontrei.

Com muito amor
Eu os eduquei
Para valorizar a memória
De todos que lutaram
Por nossa liberdade
E para mudar a nossa história
E com muito sacrifício e eficiência,
Mudaram a história de escravidão
Que hoje é orgulho de resistência.

Meu nome?
Anaia Putéria, ou...
Puteciana
Para muitos...
A princesa IANA do Peafú.
Ou simplesmente....
IANA

Entrelaçando dores, resiliência, mulher negra e poética

A narrativa poética poderá afetar aos leitores e leitoras, a ponto de sensibilizá-los e sensibilizá-las com as questões abarcadas ludicamente nesse tipo de gênero textual, suscitando emoções, sensações, lembranças, memórias, histórias, fatos e eventos sociais que possibilitam aos leitores e leitoras a despertarem diferentes interpretações e sentimentos, pois a linguagem poética tem “o poder de transformar os sujeitos sociais, na medida em que sugere reflexões profundas acerca das relações sociais, da construção das personalidades, da apreensão dos contextos sociais e porque não dizer do mundo”(Chaves; Nascimento, 2024, p. 2).

“A morte eu desejei”: ancestralidade e protagonismo da mulher negra

Anaia Putéria, a mulher que inspirou a personagem Iana, do poema “Iana, luta e resistência” de fato, foi trazida de forma coercitiva do Bárac/Nigéria, forjou a própria morte para escapar das atrocidades vistas e vividas nos navios negreiros e sobreviveu, mas foi vendida na condição de pessoa escravizada para trabalhar com algodão no Maranhão, ao ser encontrada por pescadores. Tempos depois, Anaia foi vendida mais uma vez, agora para trabalhar com tabaco em fazendas na Ilha do Marajó.

Após um período trabalhando na Ilha de Marajó, Anaia foge pela mata, percorrendo-a solitariamente, caminhando, correndo, alimentando-se e dormindo no meio da floresta amazônica. Por um tempo, a floresta se torna seu refúgio seguro, possivelmente porque os perigos das matas, suas feras, parecem mais humanizados do que o homem colonizador. Percorreu trajetos da floresta que ainda não haviam sido habitados por humanos naquela época, e, chega às margens do Rio Amazonas, cuja largura média varia entre 4 e 5 km, conforme Silva (2023). Às margens das águas amazônicas ela percebeu que não conseguiria atravessá-la à nado, então seguiu o seu curso encontrando mais tarde um pequeno povoado, tempos depois de ter iniciado aquele percurso.

Naquele povoado ganhou a confiança de uma família e pediu ajuda para ir a um lugar distante onde pudesse iniciar uma nova vida. A família a colocou em um barco cargueiro que a deixou na vila Monte Alegre. Lá Anaia andava livremente pela região, ficando mais tempo pelas regiões de mata da região, continuando às margens do Rio Amazonas construiu uma habitação distante do vilarejo, no perímetro rural da vila Monte Alegre e começou a receber e abrigar outros fugitivos de coronéis. Aproximadamente 140 anos mais tarde, enfrentando disputas, conflitos e confrontos, esse lugar se tornaria oficialmente a comunidade quilombola Peafú.

Anaia Putéria não se casou, nem conviveu em união estável, mas teve um longo romance com Lauriano, com quem constituiu muitos descendentes. Noutra ocasião, anos após sua instalação nesse lugar, trabalhando no roçado às margens do Rio Amazonas, encontrou a imagem de Rita de Cássia, e, em devoção à Santa construiu uma igreja dando início aos festejos religiosos tradicionais de Peafú.

A fundadora da comunidade Peafú, Anaia Putéria, não conseguiu escrever formalmente sua história, mas deixou aos seus descendentes valiosas informações que nos

permitiu associar aos acontecimentos daquele período, em meados de 1880¹, e escrevê-la a partir de uma linguagem poética dando vida à Iana. Peafú, somente foi reconhecida como comunidade Remanescente Quilombola, em 2016. A resiliência manifesta em Iana, representa a capacidade de, as mulheres, enfrentar e superar complexas adversidades. Carolina Maria de Jesus (1914-1977) escritora e poetisa brasileira reconhecida por seu relato autobiográfico em “Quarto de Despejo: diário de uma Favelada” revelou a verdadeira face da poesia ao afirmar que os políticos estão cientes de sua condição de poetisa e que o poeta enfrenta a morte ao testemunhar a opressão de seu povo (Jesus, 2014).

Em 2016 a fascinante e real história de Anaia Putéria foi tema da tradicional festa tribal intitulada “Festival da Mandioca” realizada anualmente pelo Colégio Estadual de Ensino Médio Fernando Henrique, situado em Monte Alegre-PA, que tem por objetivo resgatar a cultura e a arte local, tendo as músicas de composição de alunos, professores e comunidade em geral voltadas especificamente para uma temática selecionada (a cada ano), na edição de 2016, a música Odisséia composta por Arenildo Santos, fala da fundação do quilombo e da religiosidade atual.

Corroborando com Chaves e Nascimento (2023) a literatura vai além de simples ficções, pois transcende a mera criação ficcional, disponibilizando obras reveladoras de eventos sociais que refletem costumes, medos e os desejos de um grupo em um dado contexto histórico e sociocultural específico.

A denúncia sobre a violação da vida e do corpo da mulher negra é enfática no poema “Iana Luta e Resistência”. “Não somos mais donas de nossos corpos/ Não há mais formas de sermos envergonhadas/ Não passamos de trapos”. Versos dolorosos de se proclamar, pois expressam sentimentos de dor, medo, desespero, clamor, tristeza e revolta, afetando-nos profundamente enquanto mulheres, mulheres negras. Narrativas que nos remetem à vida de nossas ancestrais e, por que não dizer, de nossas irmãs contemporâneas, que enfrentam formas análogas de violências raciais, sociais e sexuais. Personagens, como Iana, são capazes de revelar para além da vida de Anaia Putéria, referenciando tantas outras Ianas presentes ao longo da história da colonização das Américas, com o agravante de que algumas das formas de opressões trazidas no poema perduram até os dias atuais.

“A morte eu desejei”: ancestralidade e protagonismo da mulher negra

Caldas (2023) chama atenção para a violação do corpo feminino nas narrativas mitológicas, denunciando o silenciamento que aparece nos escritos em relação à autonomia das mulheres sobre os seus corpos, visto que na literatura o ponto de vista e a voz feminina são frequentemente concebidos pelo autor masculino. Parafraseando com Akotirene (2019, p. 19) que enfatiza que, “a política sexual sob o patriarcado é tão onipresente nas vidas das mulheres negras, quanto às políticas de classe e raça. Também achamos, muitas vezes, difícil separar opressões de raça, classe e sexo porque, nas nossas vidas, elas são quase sempre experimentadas simultaneamente”. Nesse contexto, quantas mulheres ao tomarem conhecimento de como foram e são retratadas na literatura, desde a mitologia grega, na política e nos diversos espaços sociais que timidamente vem ocupando se questionariam da mesma forma que fez Iana? “Onde mora(va) minha opinião?”. Pergunta que é gritante para nós mulheres de diferentes raças e classes, em especial mulheres negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, e/ou outras minorias.

Como afirmam Tilio et al. (2021), as mulheres que estão presentes em espaços públicos da sociedade patriarcal estão sujeitas a mecanismos que as destituem da autoridade sobre seus próprios corpos, fenômeno destacado por Teresa Chaves no documentário intitulado “As cidades não são feitas para as mulheres”, que aponta desde questões arquitetônicas, como a falta de iluminação e acessibilidade nas ruas, até as dinâmicas das relações sociais que perpetuam as violências de gênero.

No que diz respeito a uma abordagem voltada à literatura negra feminina, Silva e Bassani (2023) ressaltam a sua importância no combate às representações negativas, inferiorizadas e estereotipadas da mulher negra na literatura clássica. Ao ser protagonista de suas próprias narrativas e emoções, a mulher negra, objetiva romper com esses estereótipos e demarcar o seu espaço, pois a sua identidade no nosso país, tem sua estrutura ancorada “na reivindicação de direitos e na resistência ao silenciamento e às opressões impostas por um sistema racista e machista” (p. 11).

Como afirma Silva (2022, p. 9) o reconhecimento das obras literárias produzidas por mulheres negras é uma forma de conquista de espaço na literatura brasileira, e, “de fazer com que as temáticas por elas abordadas (ligadas à memória, à ancestralidade, e à construção da identidade da mulher negra em uma sociedade racista e machista)” sejam dimensionadas em maiores proporções. Para Ribeiro (2019, p. 9) “devemos aprender com a história do

feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome”.

“Iana, Luta e Resistência” mostra o forte potencial de insensibilidade da raça humana para com a personagem Iana, e, que se propaga continuamente. Portanto, esta narrativa em sua dimensão poética é, resistência e protesto. Ao longo da história, poetas e poetisas têm usado suas palavras para lutar contra a opressão, a injustiça e as desigualdades. A linguagem poética é capaz de questionar e desafiar as estruturas sociais estabelecidas, trazer à tona debates importantes e provocar reflexões, bem como, nos inspira a sermos pessoas conscientes e ativas em nosso mundo, nos encorajando a enxergar além das aparências.

Considerações finais

Para além de uma narrativa de ficção, o poema *Iana, Luta e Resistência* é revelador das violências simbólicas, físicas e morais a que as pessoas negras trazidas do continente Africano para o Brasil foram submetidas no sistema de escravidão, comunicando as múltiplas configurações de opressão que as mulheres, em específico as mulheres negras, historicamente têm sido submetidas, incluindo o racismo, a violação do corpo e da vida e as condições socioeconômicas impostas nesse período.

A partir da personagem Iana, o poema descreve as mortes dos familiares de Anaia Putéria, a violação moral e sexual da personagem (escravizada) e suas desesperanças ao pôr em evidência o sentimento de dor, de ódio, de frustração e de impotência, frente ao processo de desumanização que enfrentou. Mas também, desponta esperança, força, resistência e resiliência mediante a uma nova vida, com a fundação do quilombo Peafú.

Escrever de forma poética é sair mundo, da realidade, do tempo cronológico, e, ao mesmo tempo, é estar lá, e o poema *Iana, Luta e Resistência* consegue através dos recursos da linguagem poética abordar uma variedade de emoções: alegrias, dores, esperanças, desesperanças, como também contempla questões históricas, políticas e sociais, comunicando e denunciando questões caras à população negra, à mulher negra. Portanto, o poema em questão é uma forma de resistência e de protesto, ao pôr em evidência sentimentos tão presentes na luta de cada dia das minorias como, populações negras, mulheres, mulheres negras, dentre outras minorias.

A produção do poema *Iana, luta e resistência*, e, sua continuidade no debate trazido neste artigo revela também a importância e eficiência de se trabalhar nas escolas de educação

básica uma educação para as relações étnico-raciais, pauta da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003). Perspectiva política curricular necessária para a construção de uma sociedade na qual a igualdade, a equidade, a justiça e o respeito às diferenças sejam pilares e não uma utopia, em que a convivência deve ser pautada na empatia, na solidariedade e no diálogo, valores fundamentais da vida humana.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012.

BRASIL. Decreto Federal nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 12 mar. 2024.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 1 abr. 2025.

CALDAS, Viviane Moraes de. A violação do corpo feminino nas narrativas mitológicas de Medusa e Filomela. **Revista Verbum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 173-192, dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/64045/44126>. Acesso em: 1 jun. 2024.

CHAVES, Genisson Paes; NASCIMENTO, Anael Souza. “A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto Esparadrapo, de Daniel da Rocha Leite. **Revista Cocar**, Belém, v. 19, n. 37, p. 1-16, out. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5689>. Acesso em: 31 maio 2024.

CHAVES, Genisson Paes; NASCIMENTO, Anael Souza. “Na poesia eu posso expressar o mundo”: uma análise sobre o Projeto Literatura na Escola, assentamento Palmares II, Parauapebas (PA). **Revista Cocar**, Belém, v. 20, n. 38, p. 1-14, jun. 2024. DOI: 10.31792/rc.v20i38.7861. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7861>. Acesso em: 5 jun. 2024.

ELIOT, Thomas Stearns. **A essência da poesia**: estudos e ensaios. Tradução: Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

FILME. **Documentário Festival da Mandioca** - 2018 - completo! [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (87 min). Publicado pelo canal Gigante do Pajuçara - CFH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pxfe8LepFE>. Acesso em: 12 mar. 2024.

GOMES, Melissa Carvalho. Imagem e auto-imagem: identidade feminina no Cânone literário brasileiro. **Signótica**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 63–75, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/3766>. Acesso em: 12 mar. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014.

LEAL, Lidyane Cristina Galdino. A importância da poesia na formação de leitores. In: ENCONTRO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO JURÍDICA (ENID), 5.; ENCONTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (ENFOPROF), 3., 2015, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11515>. Acesso em: 9 dez. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2.ed. São Paulo: EPU, 1986.

MULHERES Negras. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (3 min). **Publicado pelo canal Yzalú**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=122kwdWN-vo>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MÚSICAS do festival da mandioca da edição de 2016. **Wesley Pereira Moura**. [S. l.]: Soundcloud, 2023. Disponível em https://soundcloud.com/wesley-pereira-228676300/urgulho-caraboca-2016/s-oAJ7t77veRj?ref=whatsapp-image&p=a&c=1&si=2f8862fa5b4c4117910a18488be2ea45&utm_source=whatsapp&utm_medium=message&utm_campaign=social_sharing. Acesso em: 12 mar. 2024.

PROTOCOLO de Consulta Prévia dos Quilombos Passagem, Nazaré do Airi e Peafú do Município de Monte Alegre-PA. Monte Alegre, PA: Gráfica Brasil, 2019. Disponível em: https://observatorio.direitosocioambiental.org/wp-content/uploads/2020/10/Protocolo-de-Consulta-Previa-dos-Quilombos-Passagem-Nazare-do-Airi-e-Peafu-do-Municipio-de-Monte-Alegre_PA.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROGÉRIO, Wilian Lucas. **Recado à Mãe Pátria**: literatura de cordel. Umari, CE: Projeto cordel, [20--]. E-book. Disponível em: https://www.projetocordel.com.br/valentim_quaresma/maepatria.php. Acesso em: 12 mar. 2024.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. Quando resistir não basta... **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Pará, n. 44, p. 140-155, jul. 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3433/4134>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SILVA, Cleibson Freitas da; BASSANI, Sandra Mara Mendes da Silva. **Literatura negra feminina na sala de aula**. 1. ed. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2023. Disponível em:

https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/3251/A_Literatura_negra_feminina_na_sala_de_aula.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 12 mar. 2023.

SILVA, Janiele da. **A invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Instituto Federal do Espírito Santo, Venda Nova do Imigrante, 2022.

SILVA, Maria do Socorro Rocha da. **Bacia hidrográfica do Rio Amazonas**: contribuição para o enquadramento e preservação. 2013. Tese (Doutorado em Química) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/3152/4/Tese%20-%20Maria%20do%20Socorro%20Rocha%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.

TILIO, Rafael de et al. Corpo Feminino e Violência de Gênero: uma análise do documentário “chega de fiu fiu”. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 33, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wWtLhjQP3hRQC5hDt6Pz7qq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2024.

VIEIRA, Paulo Roberto; DARWICH, Rosangela Araujo. Ensinando literatura na floresta: rios, cachoeiras, praças e saraus na Educação do Campo na Amazônia. **Revista Cocar**, Pará, v. 16, n. 34, p. 1-18, mar. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4584>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Agradecimentos

À professora Elaene Souza da Silva que colaborou com a correção ortográfica do poema, ao professor José Maelcio Gomes da Silva, pela colaboração para a coleta de dados, e ao senhor Jackson Jorge Valente, descendente da fundadora da comunidade que gentilmente, nos concedeu a entrevista.

Nota

ⁱ Protocolo de consulta 2020.

Sobre as autoras

Pricila Santos Almeida

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais com Habilitação em Química pela Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Grajaú - MA. Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

E-mail: santos.pricila@discente.ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6266-5598>

Neusani Oliveira Ives Felix

Professora efetiva da Universidade Federal do Maranhão/UFMA; Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará - UFPA; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2012 - 2014); Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social UFMA (2017)/Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça UFMA/NEAD (2013) e Administração e Supervisão Escolar pela UNIFIA/Centro Universitário Amparense (2007).

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2006) e, em Educação Física pela Universidade Federal do Maranhão UFMA (2013); realizou curso de aperfeiçoamento em Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF (2010); Foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvol. Científico e Tecnológico (FAPESMA) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Atuação na docência do ensino superior desde 2009; 04 anos de experiência na docência da educação básica e 08 anos na coordenação pedagógica de escolas públicas.

E-mail: neusani.ives@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8370-8933>

Recebido em: 18/09/2024

Aceito para publicação em: 03/02/2025